

Reflexões sobre o Turismo de Saúde no Brasil e o Diferencial da Acreditação

Ormene Carvalho Coutinho Dorneles¹

Valéria Dellamano Frozé²

Meiri Ap. Muzachi³

Elizabeth Kyoko Wada⁴

Resumo

O presente artigo é resultado de pesquisa bibliográfica e de observação assistemática, além de dados obtidos em palestras sobre o tema, discussões em grupo de pesquisa e em sala de aula. Aborda o tema do turismo de saúde, traz reflexões e convida a observar que a prestação de serviços médicos a turistas especialmente atraídos pelos recursos médicos disponíveis no Brasil pode representar um potencial a ser explorado comparativamente àqueles de outros países que oferecem serviços assemelhados. As creditações servem tanto para atender as necessidades de turistas de saúde estrangeiros quanto para proporcionar benefícios aos consumidores brasileiros interessados em dispor serviços credenciados com qualidade aprimorada e preços compatíveis. Este trabalho pretende acrescentar informações sobre o tema, trazendo à tona o que é discutido e denominado como turismo de saúde, sem, no entanto, esgotar as discussões sobre a mercantilização de um serviço essencial e, em muitos cenários, precário, como a saúde.

Palavras-chave: Turismo de saúde. Turismo médico. Acreditação.

Introdução

Os deslocamentos em busca de cura são citados em diferentes momentos da história e são considerados como a base do segmento de Turismo de Saúde ou Turismo Médico. Embora pareça ser apenas mais um novo segmento explorado pelo turismo, o turismo de saúde é uma das mais antigas atividades turísticas que as pessoas realizam à procura de meios de manutenção ou aquisição do bom funcionamento e da sanidade do seu físico e do seu psiquismo. Na Grécia foram criadas as principais estâncias

¹ Administradora de Empresas e Mestranda em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi.

² Enfermeira e Mestranda em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi.

³ Especialista em Hotelaria e Consultora em Hospitalidade nas áreas de hospedagem e hospitalar.

⁴ Doutora em Ciências da Comunicação e Professora de Mestrado da Universidade Anhembi Morumbi.

hidrominerais e, para atender ao grande número dos que procuravam a cura pelas águas, lá foram construídas as primeiras hospedarias e as “residências” de verão da aristocracia que passava temporadas próximas às fontes (CASTELLI, 2001). Em Roma 300 anos d.C. já havia por volta de 100 termas, de onde teve origem a expressão Termalismo. Este hábito foi abandonado, devido às pragas e epidemias que dominaram a Idade Média. No final da Renascença, os hábitos e costumes foram mudados, acontece o controle da sífilis e o ressurgimento do Termalismo (SILVA/BARREIRA, 1995, p.15). Na França, nos séculos XVII e XVIII, os reis iam às águas com suas comitivas e com isso, as estâncias, além das fontes e banhos, ofereciam outras opções de entretenimento. Dessa forma as cidades adquirem fama não pela qualidade dos tratamentos oferecidos, mas sim pela reputação de sua clientela (SILVA/BARREIRA, 1995, p.15).

Na Europa no século XIX, devido à invenção das estradas de ferro, houve a facilidade do acesso às estações de águas, fazendo com que as estâncias hidrominerais progredissem aceleradamente. No final do século XIX e século XX o Termalismo passou da era empírica para a clínica, e em 1905 uma série de experiências comprovaram as qualidades terapêuticas das águas minerais, que passaram a ser consideradas águas medicinais (PUPO, 1952 p.35).

Da mesma forma que em outros países, no Brasil o turismo de saúde surgiu com as estâncias hidrominerais. De fato, Silva e Barreira (1995) mencionam seu início com a ocupação do interior do país pelos bandeirantes que descobriram as primeiras fontes e passaram a utilizá-las para a cura, enquanto realizavam suas expedições. As autoras citam ainda que, com a chegada da Família Real ao Brasil, teve início a avaliação das águas com a finalidade terapêutica, o que já vinha ocorrendo na Europa. Observa-se que o desenvolvimento do turismo deu-se não apenas nas estâncias, mas também em centros de repouso e regiões montanhosas para a cura de doenças respiratórias. Em 1945, com a difusão dos antibióticos, esta prática diminuiu sensivelmente, as estâncias deixando de exercer papel relevante para tratamentos de saúde; tais destinos procuraram se adaptar para receber famílias em férias, casais em lua de mel, eventos empresariais e, na década de 1990, ávidos por atrair novos clientes, partiram também para o ecoturismo e o turismo de aventura.

A partir de 2001, o Brasil entrou de maneira sistematizada no roteiro do turismo de saúde internacional, com a vinda de estrangeiros para realização de cirurgias

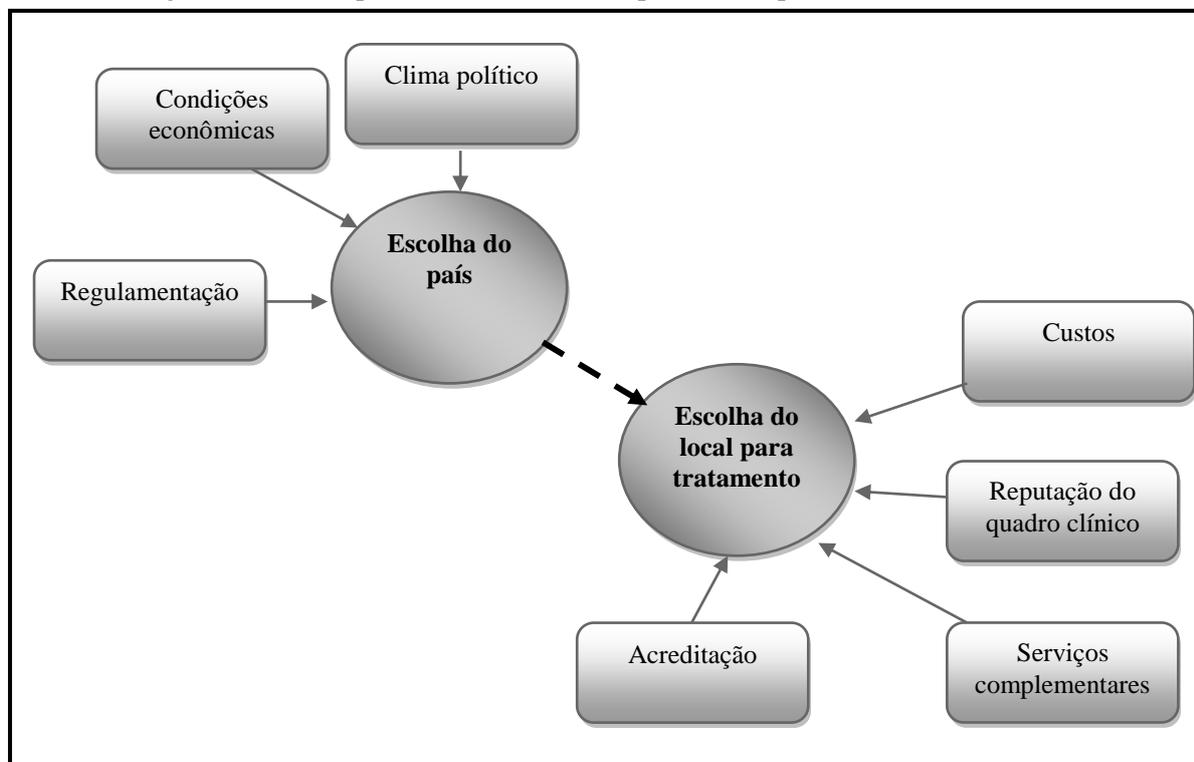
plásticas, atraídos pela medicina de excelência, serviços de hospitalidade e um câmbio favorável. Até então, isso ocorria de forma esporádica e individual; não havia uma cadeia produtiva específica, nem chamava a atenção de estudiosos e empresários.

1- Acreditação como diferencial das instituições de saúde

Acreditação é definida pela Organização Nacional de Acreditação como um sistema de avaliação e certificação da qualidade de serviços de saúde, voluntário, periódico e reservado. Na experiência brasileira e internacional, é coordenada por uma organização ou agência não governamental encarregada do desenvolvimento e voltados para a melhoria contínua, sem finalidade de fiscalização ou controle oficial, não devendo ser confundido com os procedimentos de licenciamento e ações típicas do Estado.

Smith e Forgione (2007, p. 22) propõem um modelo para a tomada de decisão em Turismo de Saúde, sintetizado na figura, que aponta a acreditação como um dos fatores que pode determinar a escolha do local para tratamento.

Figura 1: Fatores que afetam a escolha de país e local para tratamento



Fonte: SMITH e FORGIONE, 2007, p. 22⁵

⁵ Tradução nossa

Uma das certificações almejadas pelas instituições de saúde é a da *Joint Commission International - JCI*, que devido a seu reconhecimento internacional tornou-se um indicador de qualidade exigido quando um cliente internacional busca atendimento médico fora de seu país de origem.

A JCI atua em mais de 80 países desde 1994, em trabalho conjunto com empresas de saúde, ministérios de saúde e empresas globais. Já acreditou cerca de 220 instituições de saúde públicas e privadas, incluindo hospitais, ambulatórios, laboratórios, serviços contínuos, empresas de transportes médicos e serviços de primeiros socorros, bem como certificou empresas de cuidados específicos de saúde em 33 países, entre eles: Alemanha, Dinamarca, Espanha, Hungria, Rússia, Turquia, Emirados Árabes, Estados Unidos e África do Sul. Sua missão é melhorar a qualidade da assistência à saúde mundial e, para isso, a instituição possui uma equipe de avaliadores e consultores especializados. Com sede nos EUA e representação nos cinco continentes, a JCI é responsável pelo desenvolvimento e manutenção de padrões internacionais de credenciamento. Os critérios para credenciamento cobrem: infraestrutura do ambiente assistencial, direitos e tratamento do paciente, manutenção de equipamentos, treinamento dos recursos humanos, gerenciamento de catástrofes, controle de infecção hospitalar, etc.

O processo de acreditação consiste em avaliar a instituição para melhorar seu desempenho. O planejamento da avaliação é feito com base nas características informadas pela própria instituição, através do preenchimento da solicitação de avaliação. Os avaliadores verificam a conformidade da estrutura, dos processos e dos resultados obtidos, comparados com padrões pré-estabelecidos. As fontes de informação dos avaliadores são entrevistas com pacientes e familiares, profissionais do hospital e observação direta através de visitas aos diversos setores da instituição. São ainda analisados documentos relevantes, incluindo prontuários de pacientes. O trabalho de campo termina com uma reunião com os líderes institucionais, durante a qual os avaliadores fornecem ao hospital um relatório de decisão preliminar, baseado em sua avaliação. Esse relatório é enviado ao Comitê de Acreditação, que aprova o relatório e outorga da acreditação. O ciclo de acreditação tem a duração de três anos. Seis meses

antes da data de seu término, a agência acreditadora notifica a instituição, com vistas à realização de nova avaliação para reacreditação; um novo ciclo tem início.

Para obter essa certificação, o hospital deve demonstrar conformidade com um manual de padrões desenvolvidos por especialistas em saúde, padrões esses adaptáveis ao contexto das crenças, valores, cultura e legislação das diferentes regiões e países do mundo, e, acima de tudo, voltados para a garantia da segurança do paciente.

Para o profissional de saúde, há vantagens de ser submetido a uma acreditação, entre elas, os processos de educação, treinamento, qualificação e capacitação, que garantem contínuo aperfeiçoamento pessoal e profissional, além da possibilidade de discussão com largo embasamento técnico-científico dos procedimentos e protocolos.

Para a instituição acreditada, o primeiro diferencial estabelecido é a excelência no desenvolvimento de suas atividades, através do reconhecimento de um processo de certificação atualmente validado em diversos países do mundo. O Manual Internacional de Padrões JCI torna-se um referencial de qualidade, que deve ser continuamente seguido para garantir a melhor e mais adequada segurança na prestação de assistência aos clientes/pacientes. Além disso, a instituição acreditada passa a integrar uma rede internacional, que possibilita o intercâmbio e o *benchmarking* entre as instituições, com referenciais comparativos de qualidade, por intermédio de indicadores clínicos e gerenciais.

Por outro lado, o paciente tem a garantia e a manutenção da segurança e excelência na prestação dos serviços propostos. A adoção de políticas, procedimentos, rotinas e protocolos assistenciais, garantem o estabelecimento de padrões de assistência aos pacientes e familiares. Além disso, o processo de acreditação trata questões como o direito dos pacientes, a educação de pacientes e familiares, o acesso e a continuidade do cuidado ao paciente, com suas necessidades reconhecidas nas diferentes fases de seu tratamento, garantindo seu acesso aos serviços disponíveis na instituição.

Exemplos de instituições acreditadas no Brasil são: AMIL Total Care, RJ; Hospital Copa D'Or, RJ; Hospital do Câncer II (Instituto Nacional do Câncer), MS; Hospital do Coração (Hcor), SP; Hospital Israelita Albert Einstein, SP; Hospital Moinhos de Vento, Porto Alegre, RS; Hospital São Vicente de Paulo, – RJ; Hospital Sírio Libanês São Paulo, SP; Sociedade Hospital Samaritano São Paulo, SP.

O número de hospitais e clínicas interessados na creditação pela JCI vem crescendo, principalmente alavancado pelo turismo de saúde na intenção de garantir sua qualidade, especialmente uma vez que clientes de outros países dão preferência aos hospitais acreditados por este órgão.

2- Cenário atual

O relatório da Deloitte Center for Health Solutions (2008) apresenta os resultados da busca realizada em vários países que oferecem opções para atender as necessidades de consumidores interessados em realizar procedimentos médicos fora dos Estados Unidos.

Tal estudo aponta que o mercado global de turismo de saúde é de cerca de US\$ 60 bilhões, podendo alcançar US\$ 100 bilhões em 2010, com mais de 35 países prestando serviços médicos a estrangeiros.

Embora a procura por procedimentos médicos no exterior exista há muitos anos, o potencial de crescimento de alguns países era limitado por questões estruturais, como comunicações, transporte, saneamento básico e energia. O avanço econômico alcançado pelas nações emergentes gerou recursos e oportunidades para a criação de centros de excelência médica, despertando o interesse de pacientes no mundo inteiro.

A mesma fonte identificou dez países ou regiões que possuem centros médicos que se destacam: África do Sul, Brasil, Cingapura, Costa Rica, Hungria, Índia, Malásia, México, Países Árabes e Tailândia. Os pesquisadores da Deloitte realizaram análise comparativa dos recursos disponíveis nestes países focando três variáveis: custos dos procedimentos médicos *versus* similares norte-americanos, número de credenciamentos JCI existentes no país e procedência dos turistas de saúde que utilizam os serviços do país. A síntese de resultados dessa análise estão no quadro a seguir.

País	Serviços oferecidos	Custos relativos aos EUA (%)	Número de credenciais JCI	Procedência dos turistas da saúde
África do Sul	Estética	30%-40%	Nenhum	ND
Brasil	Estética	40%-50%	12	Estados Unidos
Cingapura	ND	35%	13	410.000 turistas em 2006
Costa Rica	Estética e serviços dentários	30%-40%	1	Estados Unidos
Índia	ND	20%	10	450.000 turistas em 2007
Hungria	Estética e serviços	40%-50%	Nenhum	Principalmente utilizado

	dentários			por europeus
Malásia	Cirurgia estética e medicina alternativa	25%	1	300.000 turistas em 2006
México	Estética e serviços dentários	25%-35%	3	Estados Unidos
Países Árabes	Cidade especializada em serviços médicos avançados	ND	38 (17 na Arábia Saudita)	ND
Tailândia		30%	4	1,2 milhões de turistas em 2006

Quadro 1: Comparativo de Turismo de Saúde em países selecionados

Fonte: Adaptado de Deloitte (2008)

De acordo com o The Economist (2008), em 2007 cerca de 750 mil americanos viajaram em busca de tratamento médico com justificativas diversas, tais como o alto custo da medicina nos países desenvolvidos, em contraste com o baixo custo dos países em crescimento; o padrão de excelência similar ou superior ao do próprio país de origem do turista; a busca de tratamentos e/ou procedimentos não permitidos ou não aprovados no país de origem; o domínio de técnicas diferenciadas, dentre outras.

No entanto, a motivação principal que justifica de forma convincente a grande maioria das viagens tem sido o fator econômico, cita Godoi (2008). Também menciona o exemplo de que uma mesma cirurgia realizada nos Estados Unidos que é um dos principais países emissores de turistas de saúde, realizada por profissionais de formação similar, em hospitais luxuosos e com a mesma tecnologia de ponta pode custar até 15% do valor cobrado nos Estados Unidos, em países como Tailândia, Índia, Malásia, Cingapura, México, Costa Rica, dentre outros.

De acordo com a pesquisa da McKinsey (2008), as principais características das instituições que atuam no turismo de saúde são: segmentação e foco claro na atuação, oferta de serviços de viagem e auxílio na adaptação cultural, existência do contato entre médico e paciente antes da viagem e manutenção desse acesso ao médico até o regresso ao país de origem.

O estudo realizado pelos profissionais da McKinsey (2008) evidencia que, entre os principais fatores que influenciam a escolha de uma instituição estão: reputação local e internacional; credenciais do corpo clínico; transparência nas medidas de qualidade e resultados obtidos e sistemas de cobrança rápidos e organizados. Por outro lado, entre os fatores externos à organização, o que é considerado de maior importância pelos

pacientes é o desenvolvimento econômico do país, a percepção de segurança e facilidade de transporte disponível e a reputação do país visitado no país de origem do paciente, o que coincide com as colocações de Smith e Forgione (2007).

Este tipo de negócio pode ser um aliado na baixa temporada e o segmento do turismo de saúde torna-se negócio potencialmente atrativo para toda a cadeia produtiva do turismo tradicional. De acordo com Giannini (2008), o Brasil entra na briga por uma fatia do mercado contra gigantes como a Tailândia, uma das líderes do setor, que chega a faturar US\$ 500 milhões por ano com o turismo médico, incluindo contratos com empresas japonesas que passaram uma parte dos procedimentos rotineiros, como consultas e check-ups de executivos, para realização em países do sudeste asiático. Mesmo a medicina brasileira sendo reconhecida e respeitada no mundo todo, a demanda ainda é incipiente perto do mercado mundial.

Segundo Aranda (2009), os hospitais privados com tratamentos de ponta na capital paulista, em 2008, registraram aumento de até 80% no volume de atendimento de pacientes internacionais em relação ao ano anterior. Afirma, ainda, que se antes apenas a cirurgia plástica estava na vitrine de procedimentos atrativos, agora a oncologia, a ortopedia, a odontologia e a cardiologia dividem espaço nos tratamentos solicitados pelos estrangeiros. A cirurgia plástica continua liderando o ranking de procura por estrangeiros. Além da fama internacional, as técnicas brasileiras contam com a beleza natural do país como aliada. Isto se explica pela possibilidade que os interessados em tratamento de saúde podem conhecer belas praias brasileiras enquanto realizam seus tratamentos.

O setor ganhou força e em junho de 2007, a Agência de Promoção de Exportação e Investimentos (Apex-Brasil) e seis hospitais privados assinaram o Consórcio Saúde Brasil, com o objetivo de fomentar e profissionalizar a divulgação dos serviços brasileiros para mercados internacionais. De acordo com o que foi publicado pela Revista da Folha (2008), os participantes do Consórcio Saúde Brasil investiram em ações de propaganda, criação de divisão para estrangeiros além da ampliação do quadro de funcionários para atendê-los. Entre os serviços que os hospitais devem oferecer estão o diagnóstico e o tratamento, segunda opinião médica através de recursos de vídeo-conferência, convênios com hospitais, médicos e fontes pagadoras nos países alvos, além de fornecer infra-estrutura para o bem-estar do cliente e seus acompanhantes que

visitam o Brasil, bem como a certificação por organizações internacionais, como a *Joint Commission International*.

Segundo relata Oliveira (2008), o número de pessoas que vêm ao Brasil para tratamentos de saúde ainda é tímido, embora um pequeno avanço seja notado. De fato, dados da EMBRATUR sobre estrangeiros que entraram no País para tratamento da saúde no período de 2004 a 2006 evidenciam ainda ser reduzido o número de turistas que procuram realizar procedimentos médicos no Brasil. O quadro a seguir mostra esses dados:

Turistas que entraram no Brasil para tratamento da saúde	2004	2005	2006
Número	28.800	48.600	30.100
Percentual em relação do total de turistas	0,6	0,9	0,6

Quadro 2: Turistas que entraram no Brasil para tratamento da saúde – Período 2004 a 2006
Adaptado de Oliveira (2008), a partir de dados da EMBRATUR (Instituto Brasileiro do Turismo).

Os dados confirmam que pouco mais de 30 mil turistas, ou 0,6% do total, vieram ao país para tratar a saúde em 2006. Mesmo assim, frente aos resultados obtidos na análise da Deloitte e apresentados anteriormente, esse não é um segmento que possa ser desprezado em função dos diferenciais médicos que o país apresenta.

3- Receptivo médico no Brasil

Para atender as necessidades do cliente internacional, foram criadas organizações denominadas *brokers*, que consistem em empresas facilitadoras, também chamadas de captadoras, que prestam serviços ao paciente direcionando-o a um país, cidade e hospital para realizar o procedimento desejado ou indicando profissionais médicos e instituições de saúde cadastradas, além de pesquisar as opções disponíveis para o tratamento solicitado.

Da necessidade da continuidade do atendimento ao paciente estrangeiro, surgiu o denominado “Medical Concierge Receptivo” formado por empresas que oferecem serviços complementares e que auxiliam os pacientes e seus acompanhantes durante toda permanência no país estrangeiro, desde a logística da viagem, o receptivo local, os tradutores e a assistência no pós-operatório. O suporte oferecido por este segmento é personalizado, adaptando as acomodações e oferecendo serviço de *home care*, com profissionais aptos a garantir a máxima tranquilidade até a finalização do tratamento. O

objetivo é propiciar aos interessados em obter serviços médicos no Brasil, a aproximação com os respectivos provedores, entre eles, profissionais e instituições da área médico-hospitalar.

Além do tratamento médico, a consultoria oferece compra e troca de passagens aéreas, reserva de hotéis e o transporte pela cidade, permitindo que o turista de saúde possa desfrutar do lazer e da cultura do país. São Paulo é a principal cidade brasileira a receber turistas de saúde. Segundo dados do site oficial da cidade, a capital paulista recebe cerca de 9 milhões de turistas anualmente, 2.5 milhões são estrangeiros que vêm, na sua maioria, dos Estados Unidos, Argentina e Alemanha. 50% dos turistas da cidade vêm a negócios, 39% a lazer e o restante para compras, saúde e cursos, entre outras finalidades.

Especificamente em relação à estrutura de saúde, o site aponta que a cidade possui 147 hospitais e 24.957 leitos. Os tratamentos mais procurados no Brasil, na avaliação de Gianini (2008), são: Cirurgia Plástica, Odontologia, Ortopedia, Cardiologia, Neurologia, Fertilidade e Cirurgia Bariátrica.

O Brasil enfrenta algumas desvantagens, como possuir preços mais altos que países como a Índia, ter imagem de país violento, deficiência na fluência da língua inglesa por parte do pessoal dos serviços, trânsito intenso e localização dos principais aeroportos, além da vantagem conquistada pelos concorrentes que estão no mercado há mais tempo, sendo reconhecidos e contando com o apoio efetivo dos órgãos governamentais e a colaboração do setor privado.

Com o objetivo de disponibilizar informações detalhadas sobre o assunto, foram criados sites que trazem dados sobre especialidades médicas e procedimentos realizados no Brasil, em vários idiomas. Com um grande número de profissionais e hospitais credenciados, esses portais garantem auxiliar o paciente em todos os aspectos, desde a escolha do hotel até a apresentação do médico que irá tratá-lo. Além de conseguirem explorar o segmento de saúde, informando sobre estrutura e profissionalismo médico, também mostram as belezas brasileiras como um atrativo diferencial.

O interesse para esse mercado tem despertado atenção mundial. Para acompanhar a evolução e as tendências, assim como para apresentar os produtos dos diversos países, surgiram eventos internacionais, tendo como principal representante o Congresso Mundial de Turismo e Saúde (onde o País é representado pelos membros do

Consórcio Saúde Brasil). Criado para atender profissionais, compradores empresariais e prestadores de soluções do turismo médico, foi lançado na cidade de Wiesbaden, Alemanha, em Maio de 2006, com a participação de cerca de 40 prestadores de soluções e de 80 compradores empresariais provenientes de mais de 25 países. Desde então, o congresso vem conquistando adesão significativa. A edição de 2008 reuniu entre 150 e 200 dos mais qualificados compradores empresariais, além de mais de 100 prestadores de serviços (hospitais, clínicas, resorts e spas), contando ainda com profissionais experientes em turismo de saúde, além dos principais meios de comunicação do setor.

Considerações Finais

Como todo o negócio com potencial de crescimento, o Turismo de Saúde requer cuidadosa análise e acompanhamento, especialmente no ambiente acadêmico. Essencialmente multidisciplinar, provoca polêmicas ao mercantilizar a saúde em países onde a população local ainda não tem acesso aos mesmos serviços propostos aos turistas estrangeiros. Nota-se, também, o surgimento de especuladores na cadeia produtiva, com intermediários que fazem promessas de serviços que não dominam ou conhecem; os órgãos de fomento e captação de turismo no Brasil procuraram os hospitais de referência como respaldo a suas iniciativas no exterior. Tais instituições, por sua vez, investiram na acreditação da JCI para balizar suas ações rotineiras e, ao mesmo tempo, “classificar” aquelas que estão aptas a prestar serviços aos turistas de saúde.

O interesse crescente de grande parte dos países por esse segmento sugere uma maior reflexão sobre como o Brasil poderá obter crescimento sustentável, analisando e desenvolvendo a criação de políticas e planos de ação educacionais, estruturais e de segurança, que possibilitem reverter a imagem do país nos aspectos negativos, posicionando-o como uma alternativa atrativa para esses pacientes. Por intermédio dessa atração, o país poderá investir mais em saúde e, eventualmente, dar acesso a serviços de padrão internacional à população local.

Há necessidade de ampliar as pesquisas sobre o tema, compreender as motivações além das econômicas, estudar o legado para a comunidade local, bem como interfaces com o turismo de lazer e o de negócios. Este artigo teve a intenção de instigar a discussão sobre o tema, na certeza de que outros pesquisadores poderão se interessar e ampliar a crítica e a reflexão sobre o Turismo de Saúde.

Referências Bibliográficas

ARANDA, Fernanda. Cresce o número de estrangeiros em busca de tratamento médico no país. Revista Ciência e Saúde. 16/01/2009. Disponível em: <http://www.abril.com.br/noticias/ciencia-saude/cresce-numero-estrangeiros-busca-tratamento-medico-pais-239836.shtml> . Acesso em 16/03/2009.

CASTELLI, Geral. Turismo: atividade marcante. Caxias do Sul: EDUSC, 2001.

GIANNINI, Flávia. O turista virou paciente. Revista da Folha. Folha de São Paulo de 24/08/08, p. 5 e 6.

GODOI. Adalto Felix. Hotelaria Hospitalar e humanização no atendimento em hospitais. São Paulo: Ícone, 2008.

Internacional Deloitte Analysis – July/2008 Report. Disponível em: <http://www.deloitte.com> . Acesso em 30/10/2008.

MARTINS. A. B; Alcântara, A. A. Turismo de Saúde em Caxambu: Uma Análise A Respeito do Poder Medicinal das Águas. Estação Científica Online. Juiz de Fora, n. 06, Ago./Set. 2008.

SMITH, Pamela; FORGIONE, Dana. Global outsourcing of healthcare: as medical tourism decision model. Em Journal of Information Technology Case and Application Research, JITCAR, volume 9, number 3, p. 19-30. Marietta: Ivy League Publishing, 2007.

The Mckinsey Quarterly – May 08. Disponível em: http://www.mckinseyquarterly.com/Health_Care/Strategy_Analysis/Mapping_the_market_for_travel_2134 . Acesso em 13/03/2009.

The Economist print edition. Globalisation and health care. New York: 2008

Disponível em:

http://www.economist.com/business/displaystory.cfm?story_id=11919622. Acesso em 07/04/2008.

Outros sites consultados:

www.brazilmedicaltourism.com/. Acesso em 16/03/2009.

www.cidadedesapaulo.com. Dados 2007. Acesso em 16/03/2009.

www.fly2doc.com/public/Default.php?language=pt. Acesso em 08/05/2009.

www.jointcommissioninternational.org/. Acesso em 08/05/2009.

<http://www.mda.gov.br/saf/arquivos/0708519758.pdf>. Acesso em 01/05/2009.

www.ona.org.br/site/index_institucional.jsp. Acesso em 07/05/2009.

www.primemedicalconcierge.com.br/pt/index.php. Acesso em 08/05/2009.